

Ensaio Fotográfico

Arte indígena Xakriabá: entre-onças, peixes, joãos-de barro e outros-que-humanos

Vanginei Leite da Silva¹

Recebido em: 06/01/2024

Aprovado em: 20/02/2024

Resumo: O povo Xakriabá vive no município de São João das Missões, norte do estado de Minas Gerais, tendo uma população de aproximadamente 14 mil pessoas, distribuídas por 40 aldeias. Os principais desafios enfrentados pelo povo são a falta de água, as retomadas de práticas ancestrais e territoriais para ter acesso a recursos naturais importantes para a sua subsistência e para, assim como no passado, novamente acessar o rio São Francisco. Atualmente, a arte indígena Xakriabá representa uma ferramenta de luta e tem contribuído para denunciar as violências seculares sofridas por todo o povo. Os artistas Xakriabá se inspiram nas relações multiespécies do seu povo e no bioma do cerrado do norte de Minas Gerais, para expressar a experiência com a terra, a água, os animais, as árvores e seus encantados. O presente ensaio fotográfico apresenta imagens de utensílios feitos de madeiras e argilas, como as moringas com tampas de distintos animais, bem como de tampas com seres encantados, como a moringa onça cabocla e a moringa bicho-homem.

Palavras-chave: Arte Indígena. Xakriabá. Relações multiespécies.

Arte indígena Xakriabá: entre-jaguares, peces, joãos de barro y no humanos

Resumen: El pueblo Xakriabá vive en el municipio de São João das Missões, al norte del estado de Minas Gerais, con una población de aproximadamente 14 mil personas, distribuidas en 40 aldeas. Los principales desafíos que enfrenta el pueblo son la falta de agua, la reanudación de

¹ Professor da Escola Estadual Indígena Xukurank e mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. E-mail: vangineisilva@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3199-0647>
Argumentos, vol. 21, n. 1, jan./jun. 2024

práticas ancestrales y territoriales para tener acceso a recursos naturales importantes para su subsistencia y, como en el pasado, volver a acceder al río São Francisco. Actualmente, el arte indígena Xakriabá representa una herramienta de lucha y ha contribuido a denunciar la violencia centenaria que sufre todo el pueblo. Los artistas de Xakriabá se inspiran en las relaciones multiespecies de su pueblo y el bioma del cerrado del norte de Minas Gerais, para expresar su experiencia con la tierra, el agua, los animales, los árboles y sus encantamientos. Este ensayo fotográfico presenta imágenes de utensilios elaborados en madera y barro, como moringas con tapas de diferentes animales, así como tapas con seres encantados, como la moringa jaguar cabocla y la moringa bicho-hombre.

Palabras-clave: Arte Indígena; Xakriabá; Relaciones multiespecies.

Xakriabá indigenous art: among jaguars, fish, clay joãos and other-than-humans

Abstract: The Xakriabá people live in the municipality of São João das Missões, north of the state of Minas Gerais, with a population of approximately 14 thousand people, distributed across 40 villages. The main challenges faced by the people are the lack of water, the resumption of ancestral and territorial practices to have access to natural resources important for their subsistence and, as in the past, to once again access the São Francisco River. Currently, Xakriabá indigenous art represents a fighting tool and has contributed to denouncing the centuries-old violence suffered by the entire people. The Xakriabá artists are inspired by the multispecies relationships of their people and the cerrado biome of northern Minas Gerais, to express their experience with the land, water, animals, trees and their enchantments. This photo essay presents images of utensils made from wood and clay, such as moringas with lids of different animals, as well as lids with enchanted beings, such as the moringa jaguar cabocla and the moringa bicho-man.

Keywords: Indigenous Art. Xakriabá. Multispecies relationships.

Introdução

O contato dos Xakriabá com os não indígenas se inicia com a chegada dos bandeirantes no final do século XVII. Em 1728 o povo recebeu uma “doação” de terra e, em 1856, essa “doação” foi registrada (MARCATO, 1978). Depois houve a chegada dos fazendeiros e fomos proibidos de falar a língua Akwë e obrigados a falar o português. O povo foi expulso pelos pecuaristas para lugares com menos fertilidade, onde hoje se encontra a Terra Indígena Xakriabá, a mais de 40 quilômetros do rio São Francisco, cujas margens eram nosso território de circulação, junto aos demais povos originários da região.

Em 1979, a área do território Xakriabá foi demarcada, mas os fazendeiros insistiam na saída do nosso povo, para usarem a região para apascentar seu gado. No dia 12 de fevereiro de 1987, o então vice cacique Rosalino Gomes foi assassinado em

frente a seus filhos e sua esposa. Após a chacina, a Terra Indígena foi homologada e realizada a retirada dos posseiros. Porém, a área demarcada e homologada compreende apenas 1/3 do território tradicional Xakriabá, o que representa pouco mais de 53.000 hectares.

Desde criança aprendi a fazer cerâmica observando minha mãe produzir suas peças. O costume das caçadas da minha família, da relação com as caças favorecia uma paisagem multiespécie muito propícia para o trabalho com a arte. Eu gostava de ver o meu pai trazendo os bichos do mato, de ver a minha mãe reproduzi-los, nos mínimos detalhes, de corpo inteiro. Essa experiência familiar, na infância, marcada por encontros com os diversos animais, foi decisiva para o meu trabalho com a arte. No entanto, somente no ano de 2002 é que despertei, de vez, para a prática cerâmica, quando passei a atuar, em minha aldeia, como professor de Artes.

Com o decorrer do tempo, a cada dia fui me interessando mais pelos trabalhos com a cerâmica e participei de algumas oficinas na Casa de Cultura do povo Xakriabá. Nessa ocasião, aprendi algumas técnicas e conheci melhor alguns anciões ceramistas Xakriabá. Em 2005, iniciei a Formação Intercultural para Professores Indígenas, curso de graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFMG). Ao final desta formação, resolvi fazer meu projeto de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre a cerâmica indígena Xakriabá. No processo de pesquisa e coleta de dados, realizei trabalho de campo na minha própria aldeia, entrevistei vários anciões ceramistas, nossos velhos, também chamados de “Livros Vivos”. Observei e compreendi várias técnicas de modelagem.

Aprendi muito com meus entrevistados durante a pesquisa. Uma das grandes descobertas foi uma técnica de queima de cerâmica a céu aberto, que há mais de quarenta anos não se fazia. Na medida em que a pesquisa avançava, fui retomando as técnicas de modelagem, a queima tradicional a céu aberto, os acabamentos e a decoração das peças.

Desde o começo da graduação já atuava como professor na Escola Estadual Indígena Xukurank, e, sabedor do papel da escola indígena em fortalecer as práticas, passei a convidar os estudantes para a minha oficina de cerâmica, aos finais de semana, trocando o horário de cinquenta minutos da matriz curricular pelo horário do barro, além de ainda orientar ex-alunos, professores indígenas e outros interessados na

prática. A pesquisa foi pautada por uma efetiva “retomada” das práticas culturais comunitárias, configurando uma ação cultural de fortalecimento do meu povo, ao buscar priorizar ações voltadas para a comunidade (XAKRIABÁ, 2022).

Atualmente, a arte indígena Xakriabá tem se tornado uma importante ferramenta de luta e tem contribuído para denunciar as violências seculares sofridas por todo o povo. Os artistas Xakriabá se inspiram nas relações multiespécies do seu povo (KIRKSEY & HELMREICH, 2020) e no bioma do cerrado do norte de Minas Gerais, para expressar a experiência com a natureza: terra, água, animais, árvores, bem como encantados que se revelam ora como bichos, ora como pessoas. Há muitas figuras de animais nativos no território, que fazem parte do nosso cotidiano, e com os quais aprendemos a compartilhar a terra, a água e outros seres vivos.

Nosso cerrado, muito seco na superfície, é, no entanto, um grande reservatório subterrâneo de água que alimenta as pequenas nascentes que matam a sede de toda nossa biosfera (SANTOS, 2013). Em função disso, muitos dos animais nos quais nos inspiramos são mensageiros das chuvas, nos avisam, antecipadamente, quando elas chegarão para as roças, para podermos preparar as telhas para coletar a água para o consumo. Estamos emaranhados com todos esses animais, ora como fonte de alimentação, ora como professores, mas também presentes como seres encantados, compondo nossa mitologia. Atualmente são confeccionados utensílios feitos de madeira e argila, como as moringas com tampa de pássaro mãe-da-lua, jacu, gavião, coã, beija-flor, seriema, joão-de-barro, coruja, marreca, tatu, cobra, veado, cutia, coelho, tamanduá e peixe, e moringas com tampas que representam os seres encantados do nosso povo, como a moringa onça cabocla (laiá cabocla) e a moringa bicho-homem.

A figura da onça-cabocla ou laiá cabocla

A onça cabocla é a avó que nos protege. Antes, ela era igual às outras indígenas Xakriabá. Ela saiu com sua irmã e, quando sentiu fome e sede, falou para ela que iria virar onça, para conseguir capturar um bicho. Entregou para a irmã um cachimbo preparado com ervas alucinógenas e disse que quando voltasse com a caça, ela teria que colocar o cachimbo em sua boca para quebrar o encantamento. Acendeu o cachimbo, fumou um pouco e o deixou com sua irmã. Quando ela voltou da caçada transformada em onça, a irmã ficou com medo e correu com o cachimbo na mão. Como

havia um limite temporal para quebrar o encanto, ela continuou onça encantada para sempre e passou a ser a protetora do povo Xakriabá. A laiá cabocla é uma onça encantada, protetora que ainda nos dias hoje se comunica com os pajés.

Os peixes

A moringa-peixe reflete a luta pela terra, pela água, pelo acesso ao rio. Luta que tem muito em comum com as lutas dos outros povos indígenas no Brasil que há mais de 500 anos vêm sofrendo invasões em seus territórios tradicionais, seja pela prática pastoril, roubos de madeiras ou pela busca de minérios, como tem acontecido atualmente com os Yanomami. No passado, os Xakriabá eram reconhecidos como “os bons de remo” devido à relação que tinham com o rio. Atualmente estão a 40 quilômetros distantes das margens férteis do São Francisco, de onde foram expulsos por invasores há alguns séculos, que roubaram mais da metade do seu território para praticar atividade pastoril. Sem as margens férteis do rio e sem as pescarias, estão em um cerrado seco de água, a reivindicar suas terras e o acesso ao rio novamente.

João-de-barro

O João-de-barro é um pássaro muito sábio e transmissor de ensinamentos. Ele constrói sua casa com a porta sempre do lado contrário ao que a chuva geralmente cai. Sua casa é construída com barro e com a porta para o lado leste, mas algumas vezes ele pode construí-la com a porta para o lado oeste. No território Xakriabá a chuva normalmente vem do lado oeste. A localização da porta da sua casa indica se será um bom ano de chuvas ou se será um ano ruim. Os Xakriabá entendem que os anos em que ele constrói sua casa com a porta para o lado oeste, no período não haverá chuvas, ou as poucas chuvas que chegarão, virão do lado leste. Ele, de certo modo, avisa se terão um período normal de chuvas (porta para o leste) ou se o período será ruim de chuvas (porta para o oeste).

Moringa Bicho-homem

A moringa Bicho-homem representa alguns seres encantados da mata e das cavernas. No território há vários relatos de pessoas que encontraram com o Bicho-homem. Ele tem a forma humana, o corpo coberto por cabelos, é alto, tem muita força

e sua pele é muito áspera, o que impossibilita ser perfurada; além disso, ele persegue os humanos. Há também o Pé-de-garrafa e o Pai-da-mata. Esses seres encantados cumprem o papel de proteger os animais, principalmente de caçadores que caçam demasiadamente. Costumam persegui-los, usando suas forças e poderes de se transformar em animais assustadores para afastar esses caçadores da floresta. Ainda hoje muitas pessoas têm medo de adentrar as florestas sozinhas e se deparar com essas criaturas. O que, de certa forma, tem contribuído para a preservação das espécies.

Referências

HELMREICH, Stefan & KIRKSEY, S. Eben. A emergência da etnografia multiespécies. *R@u*. N. 12 (2), jul./dez. 2020: 273-307.

MARCATO, Sonia de Almeida. Remanescentes Xakriabá em Minas Gerais. Arquivos do Museu de História Natural. Volume III / UFMG, Belo Horizonte/ 1978.

SANTOS, Rodrigo Martins dos. **O gê dos gerais: elementos de cartografia para a etno-história e etnolinguística do planalto central**: contribuição à antropogeografia do cerrado. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, 2013.

XAKRIABÁ, Nei Leite. **Arte indígena xakriabá: com um pé na aldeia e outro pé no mundo**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022.



Figura 01. Moringa urutau. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 02. Moringa lebre. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 03. Moringa peixe. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 04. Moringa gavião. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 05. Moringa jacu. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 06. Moringa cobra. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 07. Moringa coruja. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 08. Moringa coã. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.

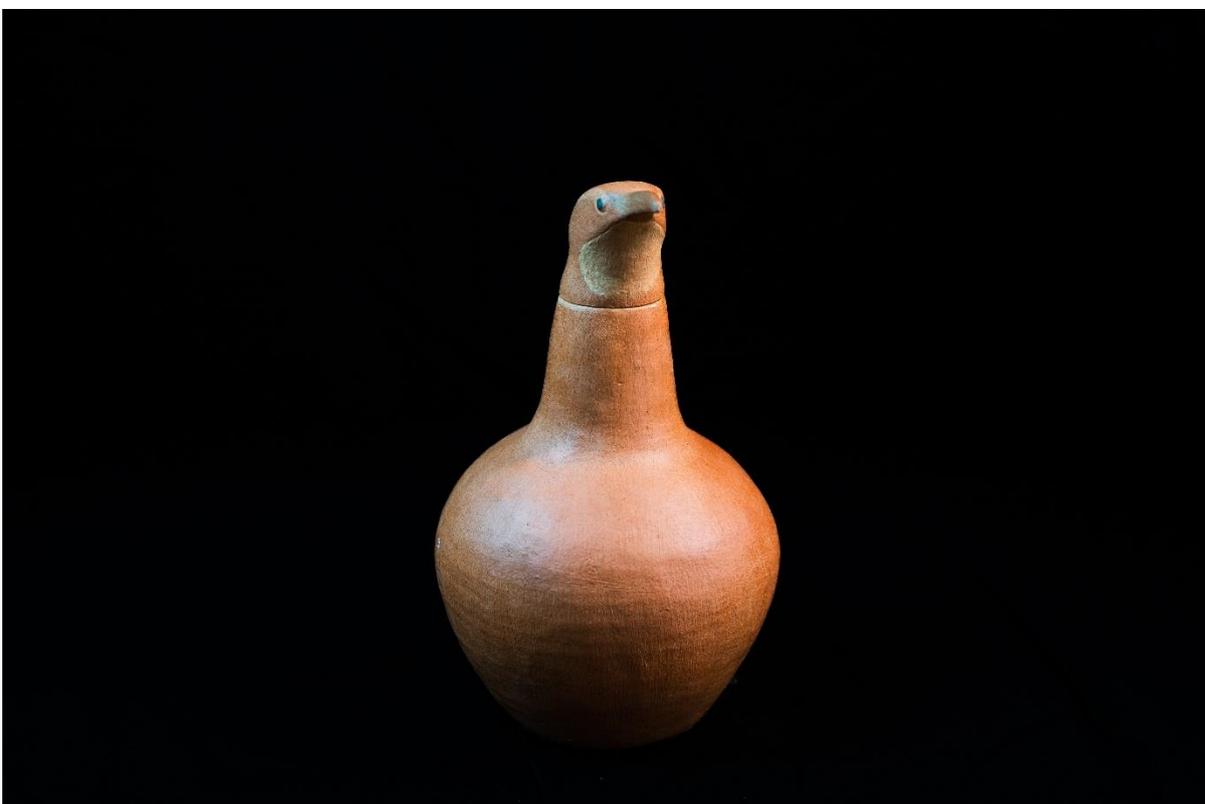


Figura 09. Moringa João-de-barro. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura10. Moringa tamanduá. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 11. Moringa cotia. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 12. Moringa bicho-homem. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 13. Moringa gavião. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 14. Moringa seriema. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 15. Moringa onça. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 16. Moringa tatu. Artista Nei Leite Xakriabá. Fonte: Edgar Xakriabá, 2022.



Figura 17. Esculturas de onças. Artista Dalzira Xakriabá. Fonte: Ana Gomes, 2021.



Figura 18. Escultura de coruja. Artista Dalzira Xakriabá. Fonte: Tales Tedeschi, 2019.



Figura 19. Escultura de tatu. Artista Dalzira Xakriabá. Fonte: Tales Tedeschi, 2019.



Figura 20. Conjunto de peças. Artista Dalzira Xakriabá. Fonte: Ana Gomes, 2021.



Figura 21. Escultura de cotia. Artista Dalzira Xakriabá. Fonte: Nei Leite Xakriabá, 2020.



Figura 22. Escultura de peixe em madeira. Artista Luciano Xakriabá. Fonte: Nei Leite Xakriabá, 2023.



Figura 23. Escultura de peixe em madeira. Artista Luciano Xakriabá. Fonte: Nei Leite Xakriabá, 2023.



Figura 24. Escultura de teiú em madeira. Artista Zé de Jacinto. Fonte: Nei Leite Xakriabá, 2019.



Figura 25. Escultura de urutau em madeira. Artista Geílson Xakriabá. Fonte: Nei Leite Xakriabá, 2018.



Figura 26. Cachimbo em madeira. Artista Marquinho Xakriabá. Fonte: Marquinho Xakriabá, 2018.



Figura 27. Escultura de tatus em madeira. Artista Zé de Jacinto Xakriabá. Fonte: Nei Leite Xakriabá, 2019.